

CAPÍTULO 4

AMBIENTES DE APRENDIZAGEM E MOTIVAÇÃO: OS DESAFIOS DE SE MANTER O INTERESSE DOS ESTUDANTES NO AMBIENTE ESCOLAR

Janaina Aparecida dos Santos

Graduação em Letras - Português, inglês e respectivas literaturas

CESB - Centro de Ensino Superior do Brasil

Pós-Graduação em Ensino Especial - Faculdades Fortium

Graduação em Educação Física - Faculdade Claretiano

Mestrado pela MUST University

Florida – USA

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre um fator apontado por professores da educação básica como causador do baixo rendimento escolar dos alunos e a baixa adesão destes nas ações desenvolvidas pelos professores entendido como ausência de engajamento e efetiva participação destes nas atividades propostas, a motivação. Para esta reflexão partimos das considerações de Boruchovitch sobre o entendimento do conceito de motivação, complementadas por autores como Tapia e Campos que abordam a motivação no ambiente escolar. Essa abordagem sobre a motivação e seu papel crucial no desenvolvimento de aprendizagens significativas é seguido de considerações sobre o entendimento de ambientes de aprendizagem aqui focado no ambiente escolar tradicional e sua imersão no ensino online, especificamente na modalidade híbrida, ação catalisada pela ocorrência da Covid 19 e que irá requerer do ambiente escolar uma reestruturação para atender as demandas de aprendizagem em um período onde o convívio social na escola não era possível. Esse pois é um trabalho de revisão bibliográfica na qual as considerações acerca de motivação e atuação em distintos ambientes de aprendizagem tomam como base a experiência em sala de aula e da qual se pode concluir que o quadro de desmotivação de nossos alunos estende-se também aos nossos professores e a análise final nos leva a concluir que este quadro é passível de reversão quando o ambiente escolar se propor aberto para novas e estimulantes metodologias, dentre as quais se insere o ensino híbrido e o uso de estratégias de ensino mediada por tecnologias.

Palavras-Chave: Educação. Ensino Híbrido. Ambiente de Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Vivemos um momento da história na qual as tecnologias da comunicação e informação estão presentes nos mais variados aspectos do cotidiano. Estas tecnologias que associam diferentes plataformas disponibilizam os mais variados formatos de mídias, do texto, ao vídeo, a imagem, ao podcast e, todos eles, se constituem oportunidades de aprendizado.

Não é para menos que estes elementos foram agrupados em diferentes plataformas e disponibilizados na forma de cursos de formação de curta, média e longa duração propiciando a diferentes públicos terem acesso a educação continuada de forma online ou semipresencial com poderosos ganhos, seja de tempo, de recursos financeiros, mas principalmente, do desenvolvimento de habilidades, competências e aprendizagens.

Este trabalho se propõe um olhar particular sobre um fator importante a ser considerado ao tratarmos de ambientes de aprendizagem, seja ele a escola, na educação básica com alunos presencialmente, seja nos formatos online ou híbrido.

Para esta reflexão, partimos das proposições de Boruchovitch (1999), que nos traz o entendimento sobre o que é motivação no ambiente escolar e seu desdobramento em intrínseco e extrínseco, ou seja, entender a motivação como um força que nasce no indivíduo e que deve ser alimentada em um processo contínuo, função na qual se insere o professor e a escola.

Na sequência, ao discorrermos sobre ambientes de aprendizagem, partindo da fala de Moore (2013), abordamos em linhas gerais sobre o entendimento de ambientes de aprendizagem e focamos no ensino híbrido refletindo sobre o ambiente escolar regular no contexto da educação mediada a distância de forma semipresencial, discorrendo sobre esta modalidade como instância possível de trabalho pelos professores em escolas regulares.

Conclui-se que a escola se insere no universo de ambientes de aprendizagem como um espaço que carece de reformulações no sentido de constituir-se um espaço motivador para professores e estudantes de modo a propiciar motivações intrínsecas que levem a melhores resultados de aprendizagem.

Motivação e aprendizagem

No presente trabalho iremos discorrer sobre os ambientes de aprendizagem e como atualmente, diferentes espaços, com diferentes organizações permitem formas múltiplas de atuação do estudante.

No entanto, antes, iremos tratar de um aspecto fundamental quando se trata de aprendizagem e que, independente do ambiente escolhido, é a diferença entre uma aprendizagem mecânica e a aprendizagem significativa. A motivação.

Para esta reflexão, iremos partir de Boruchovitch (2008), pois sua conceituação de motivação é facilmente compreendida, uma vez que ele a

define como sendo própria do ser humano, algo interior e que eventualmente é afetada por eventos externos. Segundo o autor, a motivação é intrínseca ao sujeito e sua motivação pode receber estímulos externos, a chamada motivação extrínseca.

Percebemos assim que a motivação tem sua fagulha no íntimo do indivíduo e depende dele a iniciativa, a ação para passar da motivação à ação. Em última análise, não podemos ser motivados por outras pessoas, mas o ambiente e as ações de terceiros podem se configurar em estímulos que levam à motivação interna.

No ambiente escolar, a motivação desponta como a justificativa mais usada por professores para a incorrência do fenômeno da apatia que toma as salas de aula. Nossos alunos, na educação básica, se encontram extremamente desmotivados e, em consequência, temos o baixo rendimento. No entanto, o trabalho em sala de aula, no cotidiano escolar é o mais prejudicado. Alunos desmotivados tornam o ato de ministrar aulas um ato doloroso para professores que, sem terem a efetiva participação dos estudantes, se veem, eles mesmos, desmotivados.

Atuando em uma escola de tempo integral, com uma premissa de educação voltada para a integralidade, que contempla o aluno em seus aspectos não apenas cognitivos, mas físicos e emocionais, que embasa o trabalho docente nos pilares apresentados pela Unesco para a educação: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a aprender, e com foco na construção de habilidades e competências, era de se esperar que os alunos, nos vários tempos escolares, se sentissem privilegiados e, com isso, engajados em um projeto que gira em torno deles e de suas necessidades.

No entanto, o ganho de tempo que a escola ganhou com o formato tornou-se seu maior obstáculo, uma vez que os estudantes se sentem extremamente desmotivados pelo fato de estarem em um mesmo espaço por tanto tempo, longe de seus atrativos, da vida fora da escola, dos amigos e do acesso livre e irrestrito aos seus recursos tecnológicos.

Campos (1986) aponta que a motivação é o principal motivo apontado por educadores para a baixa proficiência dos estudantes na educação básica, mas aponta também que as dificuldades apresentadas pelos professores têm sua origem na falta de motivação deste profissional. Nossos professores não se sentem motivados o suficiente para aprimorarem sua prática, desenvolverem novas habilidades e, com isso, adotarem metodologias que, colocadas em prática, se constituirão os elementos de motivação externa que chegará aos estudantes na forma de estímulo e, com isso, levando-os a desenvolverem motivação pessoal.

Ao refletirmos sobre o trabalho de teóricos da aprendizagem como Vygotsky e Piaget, percebemos que estes autores atribuem as dificuldades dos estudantes em aprender a estruturas e funções internas aos mesmos. Para Piaget (1977), que categoriza a aprendizagem em faixas etárias bem estabelecidas ou Vygotsky (1998), que propõe a teoria do desenvolvimento

proximal onde, ao se constituir um saber ele nos dá base para posteriores aprendizagens, há de se considerar um elemento importante e que agora vem ganhando espaço, a afetividade.

Damásio (1995), aponta a dimensão afetiva, tão ignorada, como diretamente atrelada à cognição. Nesta perspectiva, a afetividade tem, nas escolas de tempo integral, a propriedade de ligar estudante e escola e isso se dá por meio de ações de acolhimento nos quais os estudantes são colocados como protagonistas e, com isso, se sentem pertencentes aquela unidade, responsáveis pelo seu destino e, nisso se inclui os resultados que aparecem por meio do engajamento dos mesmos com os professores, dos quais se tornam parceiros, colaboradores.

Mas de onde vem o diagnóstico de ausência de motivação que nossos professores tanto discutem? Como apontam Stipek (1998) e Printrich (2003), percebemos a motivação, e o seu contrário, nas ações cotidianas dos estudantes, no modo como interagem com o objeto de aprendizagem, na realização das atividades propostas, no modo como debatem, dialogam, como usam os espaços escolares, ou seja, a motivação é observável.

Na busca pela consolidação do protagonismo, nossos professores tem adotado a estratégia de se colocarem como orientadores da aprendizagem, facilitando processos, indicando caminhos. Essa atitude, no entanto, não tem encontrado respaldo nos alunos que, onde o professor vê uma oportunidade de os alunos exercerem autonomia, desenvolvendo uma ação formativa dentro de um determinado tempo, os alunos enxergam uma oportunidade de passar um tempo sem supervisão direta e, como resultado, entregam um produto muito além das expectativas dos educadores.

O desafio posto aqui é o de, em um primeiro momento, desenvolver na escola um ambiente capaz de promover estímulos suficientes que levem os estudantes a um estado de motivação. Isso significa intensificar ações de envolvimento, de acolhida, de percepção do estudante como indivíduo, antes de o enxergar como coletivo.

Também pressupõe um trabalho docente embasado em metodologias que provoquem aprendizagens significativas, que estimulam, que desafiem e, com isso, promova engajamento dos estudantes.

Não é errado pois afirmar que, no ambiente escolar, faz-se necessário que nossos estudantes tenham metas, tenham planos, minimamente enxerguem em seu futuro próximo ou distante, utilizações práticas para este momento de sua vida e, nesse aspecto, o trabalho com o chamado projeto de vida, disciplina que compõe o núcleo diversificado nas escolas de tempo integral, se propõe a desenvolver nos estudantes este esboço que embora não definitivo, aponta para um alvo no qual o estudante direciona suas ações.

Tapia (1997), chama atenção para um risco do qual a escola não pode deixar de considerar. Ao ofertar estímulos externos aos alunos, ou seja, motivação extrínseca, esta ação pode dar efeitos significativos, sendo perceptível na forma de atividades, participação e resultados. No entanto, há

um risco real de que, caso não haja uma evolução para uma motivação intrínseca, nossos estudantes estarão atuando de forma apenas a corresponderem a expectativas e a perseguirem metas igualmente externas.

Havendo motivação genuína, interna, inexistirá o desejo da recompensa, ou o medo do castigo, os estudantes estarão empenhados principalmente, com sua realização pessoal, com sua conquista reforça-se assim o papel fundamental do professor como elemento motivador e, neste aspecto, entende-se por motivação, a criação de situações estimulantes que levem o estudante a motivar-se. Esse incentivo à motivação é descrito por Tapia (1997) como uma ação constante e que deve ser consciente. O aluno precisa saber sobre motivação, precisa conhecer os estímulos, precisa se perceber em um estado de não motivação e, a partir do entendimento do que não o motiva, chegar ao estabelecimento daquilo que o impulsiona.

Sabemos que nossos estudantes não têm maturidade para esta ação e, por isso mesmo, reforça-se a atuação da escola e especialmente dos professores nesta tarefa pois, como entende Boruchovitch (2009) a motivação, de fato, não é uma característica própria do aluno, mas é fruto da mediação do professor, pelo ambiente de sala de aula e pela cultura da escola.

O ambiente de aprendizagem escolar e o ensino híbrido

Na formação acadêmica, aprendemos que existem os espaços formais de educação, dos quais a escola tem a centralidade por trazer o ensino de forma organizada e sistemática, mas que a educação se processa em espaços não formais, como as igrejas, os sindicatos, as associações...

Assim, ao discorrermos sobre o fator motivação, definimos o ambiente escolar como base para entendermos como, neste espaço, as relações professor, aluno, objeto de aprendizagem e o ambiente, a escola em si interagem e cooperam para a construção de conhecimentos significativos estabelecidos a partir da motivação intrínseca e extrínseca.

Atualmente, na sociedade mediada por tecnologias em que vivemos, o universo de ambientes escolares ganhou outra dimensão, não mais física, e agora praticamente atemporal no sentido de que, nos meios virtuais de aprendizagem, posso estar quanticamente em dois ambientes ao mesmo tempo. Nesta perspectiva, posso estar a caminho do trabalho e ao mesmo tempo estudando, por meio de um podcast ou, no trajeto de ônibus a caminho da escola, reforço a aprendizagem assistindo a vídeo aulas disponibilizadas em diferentes canais.

Temos assim, com o desenvolvimento das tecnologias da comunicação e informação, uma oferta de múltiplas plataformas com múltiplos recursos que alcançam diferentes públicos com os mais distintos interesses e realidades diversas na qual a questão tempo é quase sempre elemento comum e isso pela falta do mesmo.

Os ambientes virtuais de aprendizagem do inglês e-learning

propiciam aos interessados em formação continuada em serviço, por exemplo, se especializarem, realizarem capacitações sem necessariamente terem que se ausentar do trabalho. Na educação, por exemplo, esta é uma forma eficaz encontrada pelas escolas para promoverem a formação continuada de seus profissionais de forma continuada em serviço.

Ao definirmos nosso entendimento de ambiente de aprendizagem como todo aquele na qual o ensino e aprendizagem se processa, entendendo assim que a casa, a igreja, e a escola se constituem ambientes de aprendizagem, chamamos atenção para a multiplicidade de configurações que são possíveis a esta temática.

Do ambiente corporativo, a escola, às plataformas de ensino online, a escola tem se apropriado destas múltiplas faces para ora capacitar-se, ora promover capacitação e, nos últimos tempos, desenvolver aprendizagens.

O período da pandemia da Covid 19, por exemplo, mostrou-se um momento onde a escola se organizou a partir do ensino mediado a distância com a utilização das mais diferentes plataformas e recursos combinando momentos presenciais com momentos a distância de modo a que os estudantes fossem atendidos, minimamente em suas necessidades formativas.

Passado o período da pandemia e retomadas as aulas totalmente presenciais, a escola continuou a utilizar recursos próprios dos ambientes virtuais de aprendizagem online como forma de proporcionar aos estudantes oportunidades de aprofundamento da aprendizagem focando em temas de interesse dos alunos e alimentando plataformas personalizadas com conteúdos próprios e links de conteúdos livres nas redes.

Esta ampliação da atuação escolar só foi possível a partir da ampliação do conceito e entendimento do ambiente de aprendizagem e do desenvolvimento de recursos tecnológicos em especial na área de comunicação e informação que possibilitaram a criação de ambientes virtuais de aprendizagem.

Percebe-se com isso que que são muitas as possibilidades de utilização dos recursos disponibilizados pelas tecnologias de comunicação e informação (TICs) na educação, no entanto, a motivação continua sendo um aspecto fundamental para o sucesso da aprendizagem nestes diferentes espaços de aprendizagem.

No ambiente escolar, a modalidade de ensino híbrido, Moore e Kearsley (2013, pg. 128) atentam que:

“o modelo híbrido é bastante popular na educação superior e no domínio da formação, já que permite que os instrutores deem continuidade à prática da instrução em sala de aula com a qual estão familiarizados e sentem-se confortáveis acrescentando o quanto de tecnologia desejarem. As tecnologias permitem a documentação e catalogação das lições; a criação de componentes intercambiáveis de instrução e asseguram que diferentes provedores de cursos possam trocar dados, como os relativos ao registro e ao desempenho dos alunos.” (Kearsley, 2013, pg. 128).

Embora aponte o uso do ensino híbrido no ensino superior, como forma de complementação da aprendizagem, este modelo de ambiente instrucional encontra espaço na educação básica na qual escolas e professores utilizam desta modalidade para trabalhar com os alunos disponibilizando não apenas material complementar, mas fazendo uso da plataforma como recursos de aprendizagem na qual os estudantes tem acesso ao material do professor incluindo atividades.

Estando na escola presencialmente sob orientação dos professores, os alunos podem lançar mão de vídeo aulas, atividades on line, interagirem com seus pares da própria unidade e de outros espaços reforçando múltiplas formas de aprendizagem cooperativa e colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gama de ambientes de aprendizagem é, a um tempo um leque de opções formativas que atendem diferentes públicos nas mais variadas intencionalidades e necessidades mas, no contexto da educação básica, ainda se constitui um desafio constituído tanto no âmbito da formação do professor quando da utilização de recursos virtuais próprios de ambientes virtuais de aprendizagem na construção de aprendizagens.

Esse desafio está posto na necessidade do desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao estudo por meio de plataformas e-learning na qual proatividade, autonomia, gestão do tempo e claro, motivação são elementos fundamentais.

Longe de ser uma impossibilidade, os ambientes de aprendizagem online mediado por tecnologias se mostram um desafio possível e uma forma de se desenvolverem habilidades que o ambiente de aprendizagem escolar tradicional, não consegue em sua estrutura e organização.

REFERÊNCIAS

Boruchovitch, E. (1999). Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: Considerações para a prática educacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12 (2), 361- 367.

Bzuneck, J.A. (2001). O esforço nas aprendizagens escolares: mais do que um problema motivacional do aluno. *Revista Educação e Ensino – USF*, 6, 7-18.

Campos, D. (1986). *Psicologia da aprendizagem*. Petrópolis.

Damásio, A. R. (1995). *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano* (6.ª ed.). Lisboa: Publicações Europa-América.

Garrido, J. (2007). *E-Learning 2.0 the Next Generation Learning: O papel do designer de experiências de aprendizagem e do professor/formador*.

Disponível em: Disponível em <http://nlearning.blogspot.com>
[learning.blogspot.com/](http://nlearning.blogspot.com/) e consultado a 17/05/2023

Moore, M. & Kearsley, G. (2013). *Educação a distância*. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning. SP

Piaget, J. (1977). O desenvolvimento do pensamento – a equilibração das estruturas cognitivas. Lisboa: publicações Dom Quixote

Tapia, A. (1997). Motivar para el aprendizaje. Teoria y estrategias. Barcelona: Edebé

Pintrich, P.R. (2003). A motivational science perspective on the role of student motivation in learning and teaching contexts. *Journal of Educational Psychology*, 95, 667-686.

Vygotsky, L. (1998). *Pensamento e linguagem* (2ª ed.). São Paulo: Livraria Martins Fontes.